

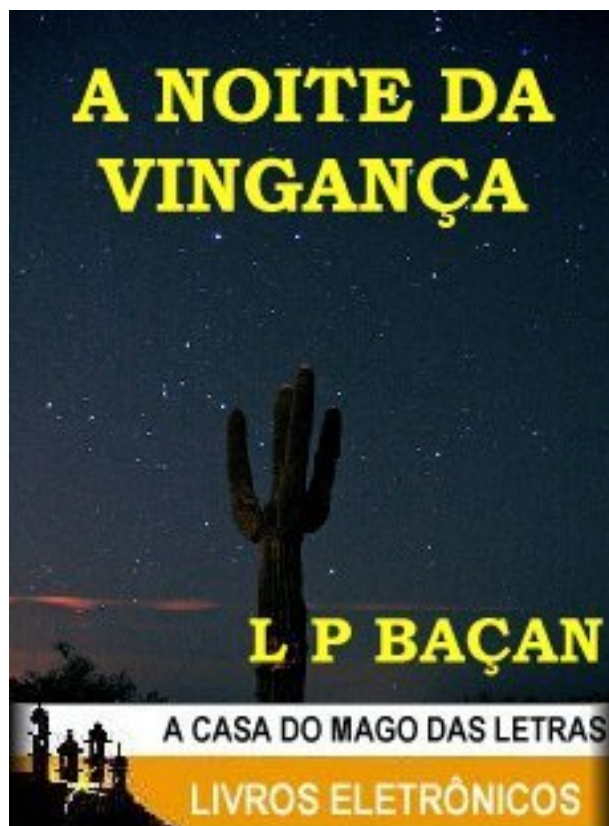


Direitos exclusivos para língua portuguesa:

Copyright © 2007 L P Baçan

Pérola — PR — Brasil

Edição do Autor. Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.





Após cumprir pena de quinze anos na prisão Territorial Young "Arizona" Hacket retornou para sua filha, decidido a passar seus últimos dias de vida num rancho às margens do Rio Colorado.

Blackie Hogan, um velho parceiro que, como ele cumprira pena na Prisão Territorial, aguardava-o também. Havia sido ele, o velho bandido que, nos últimos cinco anos, cuidara de Cora Hacket, a filha do pistoleiro.

Arizona Hacket não se lembrava mais do rosto da filha e nem de longe poderia imaginar que tipo de jovem encontraria à sua espera. Sabia apenas, pelas cartas que recebia, que era um retrato vivo de sua mãe, muito Corajosa e decidida.

Quando fora preso, após uma carreira de crimes que o tornara procurado em todo o Oeste, Arizona só vira a filha uma única vez.

Guardava dela a leve lembrança de uma garotinha de cabelos claros e olhos muitos azuis.

Anoitecia e Arizona resolveu acampar. Faltavam ainda pouco mais de cinqüenta milhas, mas já havia cavalgado muito naquela dia. Os anos todos na prisão o haviam arruinado fisicamente. Era agora um velho de cinqüenta anos, com cabelos brancos, mas uma vontade enorme de viver e aproveitar os dias que lhe restavam.

Já havia terminado o jantar e encostara ao fogo o bule de café, quando os dois homens chegaram. Um deles era alto e magro; o outro um pouco mais baixo, mas ambos portando armas, com os coldres caídos quase tocando os joelhos.

— Boa noite, amigo! — disse o mais alto, sem desmontar ainda. — Estivemos cavalgando todo o dia, poderíamos aproveitar a fogueira?

— À vontade. Estava me sentindo só por aqui — respondeu Arizona, enquanto preparava o local onde dormiria. — Tem café aí no fogo. Se quiserem comer, há toucinho e feijão neste alforje.

— Não, só queremos café. Vamos descansar um pouco e depois seguir viagem. Meu nome é Samuel Burns, meu parceiro é Slim Pickerson.

— Young Hacket — respondeu o velho pistoleiro.

Os dois recém-chegado trocaram olhares e sorriam um para o outro. Desmontaram e se serviram de café.

— É uma arma muito velha esta que tem aí, não é? — indagou Samuel, olhando para o velho e antiquado Colt que pendia do cinturão de Young Hacket, o Arizona.

— Sim, deve ter mais de trinta anos. Foi de meu pai. Hoje não são mais usados, mas o cano longo garante uma precisão muito superior aos Colts de cano mais curto que se produzem hoje em dia.

— Não é uma arma boa para um pistoleiro. É mais difícil de sacar — observou Slim.

— Sempre a usei e nunca tive motivos para reclamar. Ela me garantiu a vida muitas vezes. Para onde vão?

— Para longe dali, vamos voltar para Tucson.

— Voltar? Vieram a negócios?

— Sim, mas ainda não o concluímos. Aliás, pretendemos terminá-lo hoje à noite.

Enquanto Samuel falava, Slim rodeava Arizona, postando-se de modo a deixar o velho pistoleiro entre dois fogos. Sua experiência o alertou, por isso Arizona ficou de olho em ambos, pronto para reagir.

— Então não vão para longe tratar desse negócio. Com essa escuridão...

— Não, não vamos longe, meu velho — disse Samuel, afastando o paletó e deixando à mostra seu Colt, gesto imitado por Slim.

— Estão à minha procura?

— Sim.

— Quem os mandou?

— Não perguntamos nomes quando nos pagam bem.

— Quanto valeu para vocês a vida de um velho?

— Um bom preço: dois mil dólares.

— Você está velho e destreinado.

— Acham que poderão vencer-me?

— E se eu lhes disser que fiz uma arma de madeira na prisão e que passei quinze anos de minha vida treinando.

— Pode ter treinado trinta anos, mesmo assim continuará sendo um velho. Seus músculos não têm a mesma rapidez de antigamente.

— Só há um meio de descobrir isso, não?

— Sim, e vou-lhe dar a chance de sacar primeiro.

— Dois contra um e você ainda fala em me dar uma chance?

— É a vida, meu velho. Nós precisamos viver

— Eu sei, também já fiz isso — disse Arizona, levando a mão à arma e abaixando-se.

Samuel sacou a arma com incrível rapidez, disparando. Como Arizona havia se abaixado, a bala a ele endereçada foi atravessar o peito de Slim, atirando-o de costas contra umas pedras.

— Maldito velho! — vociferou Samuel, mas seus olhos se esbugalharam e sua voz lhe morreu na garganta quando a bala disparada por Arizona arrebitou-lhe o maxilar superior, pouco abaixo do nariz.

— Vou matá-lo, maldito velho — rugiu Slim, tentando levantar-se, tapando o ferimento no peito com uma das mãos e apontando a arma com a outra.

— Passei dez anos de minha vida tentando evitar isso e não será um pulha você que me impedirá — respondeu Arizona, disparando contra a testa de Slim, jogando-lhe a cabeça violentamente para trás.

Uma bala de rifle ecoou na noite e passou a poucos polegadas de sua cabeça. Havia um terceiro homem. Possivelmente outros.

Outra bala assobiou à sua frente, bateu numa pedra e ricocheteou zumbindo como um grito de agonia. Arizona atirou-se para trás de um tronco e respondeu ao fogo.

Novas balas arrancaram lascas do tronco. Arizona pôde localizar seu atacante pela boca de fogo que se seguia a cada disparo. Apontou sua arma cuidadosamente e fez fogo três vezes. Em resposta ouviu um corpo rolar pelas pedras e depois o baque dele no chão.

Quando ia levantar-se, ouviu o galope de um cavalo que se afastava em disparada.

— Como acha que ele deve estar agora, Hogan? — indagou-lhe Cora, sentada à mesa.

Hogan acendeu o cigarro com um graveto tirado do fogão e deu uma longa tragada antes de responder:

— Envelhecido, seguramente.

— Não me refiro a isso. Quero dizer quanto às idéias que tem.

— A prisão deve ter-lhe tirado toda a vontade de lutar.

— Não posso entender como um homem como ele pôde dedicar sua vida ao crime, roubos e assassinatos.

— A vida há vinte anos atrás era outra, filha. Nós, os homens, não tínhamos muita escolha. A Guerra Civil foi uma praga para todos nós. Ficamos sem lar, sem terras, sem nada. Não havia trabalho, o que mais poderíamos fazer?

— Desculpe-me, Hogan. Não quis magoá-lo.

— Não tem nada, Cora. Tudo passou. Agora temos este rancho, poderemos viver aqui o resto de nossos dias sem nos preocuparmos com mais nada.

— Espero que papai também pense assim.

— Ele também está cansado. Quer um lar para onde voltar no fim do dia, comida quente e roupa limpa.

— Vamos esperá-lo do outro lado do rio?

— Sim, ele deverá estar aqui por volta do meio-dia.

— Como pode ter certeza disso?

— É o tempo que eu demoraria para chegar aqui.

— Você e papai sempre foram bons amigos, não?

— Como irmãos. Quando ele foi preso, não vi motivos para continuar sem ele, por isso me entreguei. Isso me garantiu uma pena cinco anos menos.

— E foi bom. Você tem sido de grande utilidade para mim.

— Bobagem. Vamos dormir. Amanhã será um dia muito excitante para todos nós.

No dia seguinte, após haverem adiantado os trabalhos no pequeno rancho, Cora e Hogan cavalgaram ao encontro de Arizona.

Como previra Hogan, pouco depois do meio-dia avistaram uma figura solitária que cavalgava na direção do rio.

— É ele — afirmou Hogan.

— Tem certeza?

— Sim, só ele cavalga ligeiramente pendido para o lado esquerdo da sela.

— Por quê?

— Um velho hábito de pistoleiro. A arma fica sempre pronta para ser sacada.

— Você entende muito disso, não?

— Fiz disso parte de minha vida, já se esqueceu?

Arizona apressou o cavalo ao vê-los. Ao parar à frente dos dois, tirou o chapéu e ficou olhando-os.

— Arizona, seu coioote velho! — gritou Hogan, puxando-o e quase derrubando-o da sela.

— Hogan, seu bebedor de uísque — retrucou Arizona, abraçando com força o velho amigo.

Depois, separou-se dele e ficou olhando para Cora. Seus olhos se umedeceram quando falou:

— Cora, você se parece demais com sua mãe.

— Papai — falou ela, abrindo os braços e atirando-se para ele.

O abraço entre pai e filha foi longo e afetuoso. Arizona afastou-se finalmente e ficou olhando para ela.

— Não vamos ficar aqui no sol por nada — disse Hogan. — Vamos para o rancho. Tenho uma velha garrafa de uísque esperando por este momento.

— Você pensou em tudo, parceiro.

— De volta aos velhos tempos — falou Hogan, mas calando-se ao perceber o olhar duro de Cora.

Arizona também percebeu isso e tentou corrigir o que dissera o amigo:

— Aos bons tempos da liberdade e da vida.

— E aos novos tempos do trabalho honesto — emendou Cora, fazendo com que Hogan e Arizona rissem a valer.



Bill Hargrave examinou suas cartas. Em sua vez de trocar, pediu mais duas. Juntou-as e depois as abriu lentamente. Tinha dois pares, o bastante para sustentar um jogo alto.

— Aposto vinte — disse, empurrando as notas para o centro da mesa.

— Eu passo — disse o jogado seguinte.

— Seus vinte e mais vinte — falou, no entanto, o terceiro jogador.

Bill sorriu, enquanto olhava o outro nos olhos. Voltou a examinar seus dois pares.

— Seus vinte e mais cinqüenta, empurrando as notas na mesa.

— Aqui estão seus cinqüenta. E mais duzentos.

Bill Hargrave sentiu amargo o uísque que bebia, ao mesmo tempo em que seus nervos ficaram tensos ante a calma e a Coragem de seu adversário.

— Aqui estão seus duzentos. O que tem aí?

— Trinca de nove.

— Tenho dois pares — falou Bill, pondo as cartas sobre a mesa e estendendo os braços para apanhar todo o dinheiro.

— Um instante, vaqueiro — advertiu o outro jogador, cravando uma faca entre as duas mãos de Bill, sobre as notas, prendendo-as.

— O que há? — indagou o pistoleiro, com os olhos destinando cólera.

— Uma trinca ganha de dois pares.

— Não aqui em Tucson — retrucou Bill, sacando sua arma e disparando-a sob a mesa.

O outro jogado balançou na cadeira antes de cair de lado, imóvel. Bill Hargrave sorriu enquanto se levantava.

— Vocês todos viram, ele sacou primeiro — gritou, retirando a arma do coldre do outro e deixando-a no chão.

Quando recolhia o dinheiro da mesa e o colocava em seu chapéu, um homem entrou correndo no saloon e foi até ele.

— O que há, Bob? Parece que viu o diabo.

— Foi mais ou menos isso.

— O que quer dizer? Você não estava com John, Butcher e Dick?

— Sim, eles estão mortos agora.

— O que está dizendo? — indagou Bill, agarrando o outro pelo colarinho da camisa.

— Disseram que se tratava de um velho apenas. O homem é um demônio.

— Vocês é que são uns palermas. Vamos sair daqui.

Bill conduziu o outro até um beco, nos fundos do saloon.

— Agora conte-me tudo que aconteceu.

— Nós o emboscamos. Eu e Dick ficamos sobre algumas pedras. John e Bucher foram até ele, conversaram, deram nomes falsos. O velho desconfiou deles e, quando ambos sacaram suas armas, o velho os matou. Eu e Dick ainda tentamos acertá-lo, mas ele pegou Dick. Tive que fugir.

— Idiota! — exclamou Bill, esmurrando o outro.

— Não tive culpa — tentou desculpar-se Bob, mas Bill não lhe deu tempo, voltando a atingi-lo.

— Cale a boca! Estamos numa embrulhada agora. Recebemos para fazer um serviço e temos de fazê-lo.

— Nós tentamos, Bill, mas foi como eu disse. Ele pode estar velho, mas ainda sabe usar muito bem uma arma.

— Está bem, desculpe-me — pediu Bill, ajudando Bob a pôr-se em pé.

— O que vamos fazer?

— Vamos terminar o serviço. Só que vamos cobrar um pouco mais.

— Acha que ele pagará?

— Terá que pagar. Perdi três de meus melhores homens. Ele devia ter-nos prevenido.

— Quer que eu chame os outros?

— Sim, diga-lhes que me esperem no saloon. Enquanto isso, vou falar com nosso patrão e

arrancar-lhe uns três mil dólares a mais.

— Vou precisar de algum dinheiro para os mantimentos.

— Tome. E não se esqueça do uísque.

Enquanto Bill Hargrave se dirigia ao hotel para falar com o homem que os havia pago, Bob Line se dirigiu ao armazém, onde encomendou mantimentos para a viagem.

Depois caminhou em direção ao hotel mexicano, no outro lado da cidade. Esperava encontrar lá seus amigos.

O primeiro que encontrou foi Ted Canton, numa roda com diversos mexicanos. Ao centro, dois galos empenhavam-se numa luta de vida ou morte. Bob afastou os homens até chegar a Ted.

— Bill quer vê-lo lá no saloon — disse.

— Já?

— Sim.

— Não posso, meu galo pode perder a luta.

— Não perderá — disse Bob calmamente, sacando sua arma e arrebentando a cabeça do outro galo. — Pronto. Você ganhou.

Bob afastou-se e entrou na cantina onde funcionava o bordel. Uma faca passou por ele e foi-se encravar na porta.

— Demônios, Hillegas! — gritou ele, já de arma na mão. — Um dia eu o mato por causa dessas brincadeiras.

O mexicano alto e corpulento se aproximou dele e abraçou-se, levantando-o no ar e o colocando sobre o balcão.

— O que quer aqui?

— Bill quer todo mundo lá no saloon agora.

— Agora mesmo?

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

